

Este artigo é parte integrante da Edição v.1, n.2, 2017

ISSN 2595-1971

DOI 10.25188/FLT-GT(ISSN2595-1971)v1.n2.2017.p1-13

Licenciado sob uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações 4.0 internacional



A APOLOGÉTICA NO PERÍODO PATRÍSTICO

DJESNIEL STHEIENY KRAUSE

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	3
1 APOLOGÉTICA NA PATRÍSTICA.....	4
2 HERESIAS.....	7
CONCLUSÃO.....	12
REFERÊNCIAS.....	13

INTRODUÇÃO

O cristianismo, ao longo de sua história sofreu diversas adversidades, perseguições cruéis, bem como calúnias e falsas acusações contra seus membros e ministros, abalando assim a consistência intelectual do cristianismo e rebaixando-o a uma seita indefensável.

Diante disto, o corpo de Cristo na Terra se viu impelido a defender a sã doutrina em face de seus detratores.

Conforme o cristianismo avançava e se expandia, ele conquistou também membros das classes mais intelectuais da sociedade, pessoas bem versadas na filosofia, na jurisprudência e na retórica, e estes utilizaram de suas capacidades intelectuais na defesa da fé cristã e na refutação das mentiras e das crenças pagãs.

Alguns autores, entretanto, no esforço de tornar o cristianismo uma opção intelectualmente viável para o público de então, distorceu ou abriu mão de verdades inegociáveis dos ensinamentos apostólicos.

Estas adaptações do cristianismo algumas vezes trouxeram mais danos do que benefícios, e provaram, ao longo do tempo, serem teologicamente errôneas e logicamente inconsistentes, sendo criticadas por outros escritores cristãos, igualmente cultos e capazes.

Não trata-se de um problema do método, que procurou compreender o cristianismo e explicá-lo aos demais, mas sim nas implicações lógicas de tais ensinamentos, que hora requeriam a negação da divindade de Jesus, ou a negação de sua humanidade, ou a negação do pecado original e da necessidade da graça no processo de salvação da humanidade.

Para todas as heresias, porém, Deus levantou homens que se atreveram a investigá-las atentamente e colocá-las a prova, identificando e rejeitando as doutrinas que não se encaixassem nos ensinamentos de Cristo e dos apóstolos, bem como os ensinamentos que não se mostrassem consistentes em si mesmos.

1 APOLOGÉTICA NA PATRÍSTICA

A apologética não é algo novo dentro das igrejas cristãs, ela não surge como uma resposta às idéias anti-religiosas do iluminismo no século XVIII, mas como afirmação e defesa das verdades bíblicas desde os primórdios do cristianismo.

Alister McGrath afirma que “desde os dias do Novo Testamento, os cristãos vêm defendendo sua fé contra todo tipo de crítica e de equívoco”.¹

Também durante o período da Patrística, que compreende o final do século I ao final do século VIII d.C, Deus levantou homens destemidos que batalharam pela “fé que uma vez por todas foi entregue aos santos”.²

Tais homens são comumente chamados de **Pais da Igreja**. (grifo nosso)

De acordo com Cross e Livingstone, os pais da igreja:

Defenderam o evangelho de heresias e enganos; eles apresentaram comentários abrangentes sobre a Bíblia, explicativos, doutrinários e práticos, e publicaram inúmeros sermões, [...]; exibiram o significado e as implicações dos credos [...]; e relacionaram a fé cristã com o melhor pensamento de sua própria época.³

Alguém pode questionar-se o que faz de alguém um pai da igreja, e ainda mais precisamente um pai apologista, segundo Haykin:

Há pelo menos quatro características que denotam aqueles que merecem o título de pai da igreja: sua ortodoxia de doutrina, serem aceitos pela igreja como elos importantes de transmissão da fé cristã, sua santidade de vida e terem vivido entre o final da era apostólica (c. 100) e as mortes de João de Damasco (c. 655/675-c. 749), no Oriente, e Isidoro de Sevilha (c. 560-636), no Ocidente.⁴

Quanto aos pais apologistas, Haykin afirma que “depois do ano 150, há uma mudança notável na orientação da literatura cristã. Há, nesse ponto, uma ênfase significativa no que chamamos de apologética”.⁵

William Lane Craig, um dos principais apologistas do século XXI define a apologética como “o ramo da teologia cristã que busca prover fundamentos racionais para as afirmações do cristianismo”.⁶

E Lawson acrescenta que “a apologética constitui uma tentativa de tornar a fé cristã convincente a um incrédulo, através de anular os ataques contra ela e apresentar a credibilidade da verdade bíblica”.⁷

Lawson também explica o motivo da necessidade do surgimento dos apologistas neste período crítico da história do cristianismo.

Segundo ele:

¹ MCGRATH, Alister. Apologética cristã no século XXI: ciência e arte com integridade. São Paulo: Editora Vida, 2008, p. 11.

² Jd 1:3. In: BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada com reflexões de Lutero. Versão Almeida revista e atualizada, 2º ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012, p. 1204.

³ CROSS, L. F.; LIVINGSTONE, E. A. apud HAYKIN, Michael. Redescobrimo os Pais da Igreja: quem eles eram e como moldaram a Igreja. São José dos Campos: Editora Fiel, 2012, p. 14.

⁴ HAYKIN, 2012, p. 15.

⁵ HAYKIN, 2012, p. 55.

⁶ CRAIG, William Lane. In: BECKWITH, Francis J. CRAIG, William Lane. MORELAND, J.P. (Ed.) Ensaios apologéticos: um estudo para uma cosmologia cristã. São Paulo: Hagnos, 2006, p. 21.

⁷ LAWSON, Steven J. Pilares da graça: 100 – 1564 d.C. São José dos Campos: Editora Fiel, 2013, p. 107.

Os antagonistas pagãos suscitaram acusações inflamadas contra os seguidores de Cristo. Os crentes eram acusados de ateísmo porque não cultuavam a César; de canibalismo porque falavam sobre comer a carne do Senhor e beber seu sangue; de incesto porque tratavam uns aos outros como irmãos e irmãs, e praticavam o ósculo santo; e de serem antissociais porque se recusavam desacreditar o Cristianismo e, em última análise, repelir seu sucesso no mercado das ideias.⁸

Diante destas informações, não é difícil entender o porquê de cristãos cultos se sentirem compelidos a refutarem tais acusações em relação ao cristianismo.

Ainda de acordo com Lawson:

Esta linha de frente de intelectos cristãos incluía Justino Mártir (c. 100-165), Taciano, o Assírio (c. 120-180), Teófilo de Antioquia (c. 120-190), Irineu de Lyons (c. 130-200), Atenágoras de Atenas (c. 133-190), Aristides de Atenas (segundo século), Minucius Felix (segundo ou terceiro século), entre outros.⁹

Justino Mártir, por um exemplo, em sua Primeira Apologia, “se queixou amargamente de ‘as injustiças lançadas contra os cristãos’ [...] [e] refutou as acusações infundadas de ateísmo e imoralidade levantadas contra a fé cristã, afirmando que os crentes realmente era mais virtuosos do que os pagãos”.¹⁰

Pode-se ainda mencionar a **Carta a Diogneto**, que de acordo com Haykin, “ela procede da fé jubilosa de um homem que está admirado com a revelação do amor de Deus em seu Filho e que procura persuadir um pagão greco-romano chamado Diogneto a fazer um compromisso com a fé cristã”.¹¹ (grifo nosso)

Um dado interessante a ser observado na carta a Diogneto é que o autor, que é desconhecido, admite a necessidade da ação do Espírito Santo na conversão de Diogneto, em suas palavras, “peço a Deus, o qual preside tanto o nosso falar como o nosso ouvir, que me conceda dizer de tal modo que, ao escutar, te tornes melhor; e assim, ao escutares, não se arrependa aquele que falou”.¹²

Michael Harykin observa que, “isto é uma oração em favor da conversão de Diogneto. Em outras palavras, o autor admite claramente que abraçar a verdade cristã não pode vir somente da razão. Deus tinha de dar a Diogneto a capacidade de ‘ouvir’ a verdade”.¹³

Além da carta a Diogneto, é digno de menção entre os primeiros apologistas Hérmiás, o filósofo e Tertuliano.

Sobre Tertuliano, Bruce Shelley comenta que sua obra **Apologia** “salienta o absurdo legal e moral da perseguição contra os cristãos [...]. Ele atacou os hereges, explicou a Oração do Senhor e o significado do batismo, e ajudou a desenvolver a compreensão ortodoxa da Trindade”.¹⁴ (grifo nosso)

Mas não apenas os pagãos e as acusações de fora é que precisavam de respostas, havia diversas heresias que nasciam no seio da própria igreja, que deveriam ser identificadas e refutadas.

Os autores que se dedicaram a combater tais heresias são algumas vezes também chamados de **Polemistas**. (grifo nosso)

⁸ LAWSON, 2013, p. 106.

⁹ LAWSON, 2013, p. 107.

¹⁰ LAWSON, 2013, p. 114.

¹¹ HAYKIN, 2012, p. 56.

¹² CARTA A DIOGNETO. In: FRANGIOTTI, R. (Org.). Padres apologistas. São Paulo: Paulus, Coleção Patrística Vol.2, 1995, p. 19.

¹³ HAYKIN, 2012, p. 59.

¹⁴ SHELLEY, Bruce L. História do cristianismo ao alcance de todos: uma narrativa do desenvolvimento da Igreja Cristã através dos séculos. São Paulo: Shedd Publicações, 2004, p. 38.

Utilizando-se de uma ilustração de C.S. Lewis, como comentada por Ferreira, enquanto os apologistas estão “na linha de frente, onde o cristianismo enfrenta o mundo”,¹⁵ os polemistas estão “por trás delas, onde uma guerra civil assola os cristãos”.¹⁶

¹⁵ FERREIRA, Franklin. Servos de Deus: espiritualidade e teologia na história da igreja. São José dos Campos: Editora Fiel, 2014, p. 402.

¹⁶ FERREIRA, 2014, p. 402,

2 HERESIAS

Entre estas heresias pode-se mencionar o **Ebionismo**, o **Docetismo** e o **Valentinianismo**, surgidas no século II, e o **Arianismo**, **Donatismo** e **Pelagianismo**, surgindo no século III e IV. (grifo nosso)

Não se deve, entretanto, imaginar os hereges como homens mal-intencionados, distorcendo a sua doutrina a seu bel prazer para proveito próprio.

Antes, como McGrath destaca, “é preciso enfatizar que essa viagem de exploração conceitual foi empreendida com os melhores motivos e intenções”.¹⁷

Trata-se, portanto, de homens geralmente sinceros, que buscavam compreender e explicar as verdades bíblicas, mas seus raciocínios provaram-se inconsistentes e teologicamente deficientes a partir de um exame mais rigoroso e por esta razão foram rejeitados.

Alister McGrath explica sobre isto da seguinte maneira:

A consequência inevitável da busca coletiva da comunidade cristã primitiva pela excelência teológica foi que uma variedade de formas de o evangelho ser concebido foi inicialmente proposta e, na sequência, submetida a um exame rigoroso; isso fez com que algumas dessas formas fossem rejeitadas.¹⁸

Cada uma das heresias mencionadas anteriormente serão discutidas a seguir.

A heresia do ebionismo surgiu de dentro do judaísmo, e via Jesus como um profeta.

Conforme McGrath, para o ebionismo “Jesus de Nazaré era um ser humano que foi separado para o favor divino, sendo possuído pelo Espírito Santo de um modo semelhante ao (embora mais intenso que) o chamado de um profeta hebreu”.¹⁹

Assim, Jesus seria totalmente humano e de forma alguma divino, na verdade, “por causa do contexto judaico dentro do qual o ebionismo surgiu, a sugestão de que Jesus de Nazaré era divino não era realmente levada em conta”.²⁰

Tal pensamento foi fortemente criticado por Ireneu de Lyon, Hipólito de Roma e também Justino Mártir, sua obra **Diálogo com Trifão** “refere-se explicitamente a essas tensões”.²¹ (grifo nosso)

Sobre o docetismo, pode-se dizer que ocorre justamente o oposto do que no ebionismo.

Enquanto o ebionismo vê Jesus como um profeta totalmente humano, para o docetismo, Jesus não foi de fato um ser humano, antes, ele “apenas aparentava ser humano; na realidade, ele era divino. A sua humanidade era um espectro, uma ilusão”.²²

Aqui, o docetismo se sai melhor que o ebionismo em reconhecer a divindade de Jesus, mas peca ao negar-lhe sua humanidade.

Ainda de acordo com Alister McGrath, pode-se identificar duas formas de docetismo, sutilmente diferentes, segundo ele, “o primeiro diz respeito à encarnação de Cristo. De fato, Jesus não poderia ser propriamente humano, pois não haveria nenhum meio pelo qual o divino e o humano pudessem coexistir em um único ser”.²³

¹⁷ MCGRATH, Alister. Heresia: uma história em defesa da verdade. São Paulo: Hagnos, 2014, p. 131.

¹⁸ MCGRATH, 2014, p. 132.

¹⁹ MCGRATH, 2014, p. 136.

²⁰ MCGRATH, 2014, p. 140.

²¹ MCGRATH, 2014, p. 141.

²² MCGRATH, 2014, p. 143.

²³ MCGRATH, 2014, p. 146.

McGrath prossegue, logo em seguida, “o segundo diz respeito ao seu sofrimento na cruz: mesmo que Cristo fosse verdadeiramente humano, a realidade é que ele não sofreu na cruz”.²⁴

Ora, pode-se compreender a dificuldade no processo de cristalização da doutrina cristã neste período, como aceitar que Deus pudesse sofrer e morrer em uma cruz, de forma tão humilhante?

Interessante notar que uma espécie de docetismo pode ser encontrada no islamismo:

Eles dizem: ‘Nós certamente matamos o Cristo, Jesus, filho de Maria, o mensageiro de Deus’. Eles não o mataram, nem o crucificaram; ao contrário, somente foi feito parecer assim para eles [...] Eles não o mataram [...] Ao contrário, Deus o leu a ele, pois Deus é poderoso e sábio.²⁵

Assim, verifica-se que Maomé conheceu e foi influenciado por uma visão herética do cristianismo, portanto, suas críticas também são dirigidas à heresia, mas não se sustentam frente à ortodoxia.

Um grande crítico do docetismo foi Inácio de Antioquia que escreve para a igreja de Esmirna: “Ele sofreu tudo isso por nós, para que sejamos salvos. E ele sofreu realmente, assim como ressuscitou verdadeiramente. Não sofreu, apenas na aparência, como dizem alguns incrédulos”.²⁶

Em relação ao valentianismo, ele se expressa como uma forma de gnosticismo.

Mcgrath o explica da seguinte maneira:

A maneira mais tranquila de compreender o valentianismo é vê-lo como originário do interior do cristianismo, ainda que interpretando ou desenvolvendo ideias de essência cristã de um modo gnóstico – especialmente em relação à imperfeição da matéria e à condição de subordinação ao Deus criador.²⁷

Para o gnosticismo em geral, e o valentianismo em particular, a matéria é essencialmente má, criação de um deus inferior, chamado demiurgo, considerado um deus mau, ou ao menos tolo.

Assim, também o corpo, que foi criado pelo demiurgo, era algo de pouco valor, uma prisão que levava “a humanidade a reprimir ou esquecer o espírito divino em seu interior”.²⁸

O valentianismo então interpretou o evangelho de uma forma gnóstica e viu Jesus como “essa figura redentora que desperta a centelha divina dentro da humanidade, permitindo que ela encontre o caminho de volta para o verdadeiro lar”.²⁹

Um grande oponente que o gnosticismo encontrou foi Ireneu de Lyon.

Lawson comenta, sobre a obra de Ireneu, **Contra Heresias**: “O propósito de Ireneu no livro era duplo: (1) Fazer com que fosse impossível que alguém confundisse Gnosticismo com Cristianismo, e (2) fazer com que fosse impossível que um sistema tão monstruoso sobrevivesse ou ressurgisse novamente”,³⁰ (grifo nosso)

Em relação ao arianismo, ele se assemelha de forma superficial ao ebionismo, embora o primeiro tenha sua origem no mundo da filosofia alexandrina helenística enquanto o segundo surge muito antes, dentro do mundo do judaísmo.

Tanto para o ebionismo como para o arianismo Jesus não era propriamente divino.

²⁴ MCGRATH, 2014, p. 146.

²⁵ SURA 4:157-58. apud MCGRATH, 2014, p. 280.

²⁶ INÁCIO DE ANTIOQUIA. Inácio aos Esmirniotas. In: FRANGIOTTI, R. (Org.). Padres apostólicos. São Paulo: Paulus, Coleção Patrística Vol.1, 1995, p. 116.

²⁷ MCGRATH, 2014, p. 154.

²⁸ MCGRATH, 2014, p. 156.

²⁹ MCGRATH, 2014, p. 156.

³⁰ LAWSON, 2013, p. 131-132.

McGrath define o arianismo da seguinte maneira: “A crença ariana mais fundamental era a de que Jesus Cristo não era divino, em nenhum sentido significativo do termo. Ele era o ‘primeiro entre as criaturas’ – isto é, preeminente em grau, mas inquestionavelmente uma criatura, não um ser divino”.³¹

Por causa do arianismo, que ameaçava a unidade do cristianismo e, por conseguinte também a unidade do império, que então já tinha o cristianismo em alta conta, o imperador romano Constantino convocou um concílio, que se reuniu em 325, na cidade de Niceia, onde o arianismo foi rejeitado pela grande maioria dos presentes, apenas dois bispos permaneceram apoiadores de Ário.

O concílio, no entanto, não foi o fim desta heresia, que permaneceu sendo ensinada durante muito tempo e até os dias de hoje encontra alguns de seus ensinamentos presentes em algumas denominações.

Um grande oponente do arianismo foi Atanásio, bispo de Alexandria, que argumentou de forma muito convincente, contra esta heresia tão popular.

O teólogo brasileiro Franklin Ferreira explica o argumento de Atanásio da seguinte maneira: “O Novo Testamento e a tradição litúrgica cristã confessam Jesus como salvador. Entretanto, como Atanásio enfatizou, apenas Deus pode salvar. Assim, a única solução possível, conforme defende Atanásio, é crer que Jesus é Deus encarnado”.³²

Assim, pode-se expressar o argumento de Atanásio de modo dedutivo.

- Apenas Deus pode salvar;
- Jesus Cristo salva;
- Logo, Jesus Cristo é Deus.

Atanásio também afirmou que “se Jesus Cristo fosse uma criatura, os cristãos seriam culpados de adorar uma criatura, em vez de adorar a Deus; dito de outro modo, eles incorreriam em idolatria”.³³

Outras figuras importantes no combate ao arianismo foram Gregório de Nazianzo, Gregório de Nissa e Basílio de Cesareia, conhecidos como os três pais capadóciolos, sendo os dois últimos, irmãos biológicos.

Para a discussão sobre o Donatismo, é necessário ter em mente o contexto histórico que o cristianismo vivia até então.

O cristianismo foi considerado durante muito tempo como uma religião ilegal, não por causa de sua adoração a Cristo, mas por sua recusa em adorar também ao imperador.

Por causa disto, os cristãos enfrentaram perseguição, confisco de bens e muitas vezes o martírio.

McGrath relata que em fevereiro de 303 houve um édito em que “os líderes cristãos receberam a ordem de entregar seus livros para serem queimados. Os que enfrentaram essa ação destruidora passaram a ser chamados de traidores (traidores), ‘aqueles que entregaram [seus livros]’”.³⁴

Com o passar do tempo, no entanto, Constantino subiu ao poder, e em 313 promulgou o édito de Milão, onde concedia total liberdade religiosa ao império, dando fim à perseguição ao cristianismo.

Ainda segundo McGrath, um sério problema surgiu logo no dia seguinte: “como deveriam ser tratados aqueles que haviam esmorecido ou se comprometido de algum modo durante a perseguição? O problema era especialmente sério no caso de líderes cristãos que tinham fraquejado sob pressão”.³⁵

³¹ MCGRATH, 2014, p. 181.

³² FERREIRA, 2014, p. 56.

³³ MCGRATH, 2014, p. 185.

³⁴ MCGRATH, 2014, p. 192.

³⁵ MCGRATH, 2014, p. 192.

Diferentes opiniões dividiram a igreja de então, “alguns adotaram uma linha dura, exigindo que fossem expulsos”,³⁶ outros porém, foram muito mais brandos para com os que haviam cedido à pressão da perseguição.

Durante as discussões, houve uma disputa sobre quem assumiria o bispado de Cartago, a facção cristã mais moderada elegeu rapidamente a Ceciliano como bispo, antes que o partido mais rígido pudesse fazer qualquer coisa.

Acontece que “a consagração de Ceciliano foi efetivada por três bispos, inclusive Félix, o bispo de Aptunga – um traditor”.³⁷

Diante disto, muito cristãos mais rígidos ficaram furiosos e passaram a questionar a validade da consagração de Ceciliano e logo passaram a questionar os batismos e os sacramentos realizados pelos líderes que haviam decaído diante da perseguição.

Conforme McGrath explica:

Os donatistas acreditavam que todo o sistema sacramental da igreja católica tinha sido corrompido em razão do lapso de seus líderes. Como os sacramentos poderiam ser administrados de forma válida por pessoas que eram de tal modo corrompidas? Logo, era preciso substituir essas pessoas por líderes mais aceitáveis, que se haviam mantido firmes em sua fé durante a perseguição. Era necessário também rebatizar e reordenar todos os que tinham sido batizados e ordenados por aqueles que tinham decaído.³⁸

O problema com o donatismo é que ele coloca a validade dos sacramentos na santidade pessoal de quem os realiza, “a graça e o poder de cura do evangelho cristão foram interpretados como dependentes da pureza da igreja e de seus ministros”.³⁹

Tal ensinamento é uma séria afronta a graça de Cristo, pois ameaça tornar a salvação concedida à humanidade dependente da santidade pessoal dos ministros, ao invés da morte e da ressurreição de Jesus.

Agostinho de Hipona criticou o donatismo, quase um século após o seu surgimento.

Agostinho argumentou que a igreja cristã era uma comunidade de santos e pecadores, e afirmou que “a igreja não pode ser uma congregação de santos neste mundo, uma vez que seus membros são contaminados com o pecado original”,⁴⁰ um tema que será abordado e enfatizado muito mais tarde pelos reformadores.

Por último e não menos interessante foi o pelagianismo, famoso por ser a heresia mais fortemente combatida por Agostinho de Hipona.

Para Pelágio, o homem não nasce manchado pelo pecado original, não tem inclinação ao mal e também acredita que Deus não ordenaria nada que fosse impossível ao ser humano.

Ele escreve:

Todo bem e mal, pelos quais somos dignos de louvor ou de culpa, não se originam de nós, e sim são praticados por nós. Nascemos aptos a ambos: não nascemos [com um caráter] completo; somos procriados sem santidade e também sem pecado; antes da ação da vontade do próprio indivíduo, nada há no homem senão o que Deus criou.⁴¹

³⁶ MCGRATH, 2014, p. 192.

³⁷ MCGRATH, 2014, p. 193.

³⁸ MCGRATH, 2014, p. 194.

³⁹ MCGRATH, 2014, p. 198.

⁴⁰ MCGRATH, 2014, p. 196-197.

⁴¹ PELÁGIO. apud LAWSON, 2013, p. 290.

De fato, para Pelágio, houve alguns homens que viveram sem pecado, mesmo antes da vinda de Cristo.

Assim, Pelágio, mais do que o donatismo, transferia a salvação da humanidade, da obra de Cristo para as obras dos homens, tornando sem importância ou até mesmo inúteis a morte e a ressurreição de Jesus.

Tais ensinamentos, obviamente foram rejeitados por Agostinho e posteriormente pela igreja cristã em geral.

Para Agostinho, todo o gênero humano caiu no pecado, em Adão, ele escreve, “porque estávamos todos naquele homem, desde que todos nós éramos aquele homem, que caiu em pecado através da mulher que foi feita para ele antes do pecado”.⁴²

Em outro lugar, Agostinho afirma enfaticamente que a partir da queda de Adão, toda a humanidade nasce em pecado, e é liberta apenas pela Graça que há em Cristo, segundo ele, “ninguém, absolutamente ninguém desde então, se isentou ou se isentará do pecado, a não ser pela graça do Redentor”.⁴³

Para Agostinho, tal discussão não é de pouca valia, algo periférico nos embates teológicos, mas central, “um assunto que atinge a própria profissão de fé, pela qual somos cristãos”.⁴⁴

Ele escreve sobre as obras de Adão e de Jesus Cristo, a condenação do pecado e a redenção na graça:

A fé consiste propriamente na relação de dois homens. Pelo primeiro fomos feitos escravos do pecado, pelo segundo somos resgatados do pecado; por um, fomos precipitados na morte; pelo outro somos libertados para a vida; aquele nos levou à perdição fazendo sua vontade, e não a daquele que o criou; este nos salvou fazendo não a sua, mas a vontade daquele que o enviou.⁴⁵

E cita Ambrósio, enfatizando o estado caído da humanidade desde Adão, e a necessidade da redenção em Cristo, não nas obras: “Caí em Adão, fui expulso do paraíso em Adão, morri em Adão. Deus não me ressuscitará, se não me encontrar, por um lado, sujeito à culpa e destinado à morte em Adão, e justificado em Cristo”.⁴⁶

Assim, Agostinho foi um verdadeiro defensor do evangelho de Cristo frente à heresia pelagiana, legando ao cristianismo uma ampla literatura teológica que no século XVI serviria como uma forte influência para os reformadores.

⁴² AGOSTINHO. apud FERREIRA, 2014, p. 85.

⁴³ AGOSTINHO, Santo. A graça (I). São Paulo: Paulus, Coleção Patrística Vol.12, 1998, p. 300.

⁴⁴ AGOSTINHO, 1998, p. 300.

⁴⁵ AGOSTINHO, 1998, p. 292.

⁴⁶ AMBROSIO. apud AGOSTINHO, 1998, p. 315.

CONCLUSÃO

Ao longo dos séculos, conforme o cristianismo se desenvolvia e se expandia pelo mundo conhecido de então, diversos pensadores se sentiram desafiados a responder e repelir diversas falsas acusações que eram propagadas a cerca do cristianismo, bem como explicar a sua fé de modo que fosse compreensível para o público de sua época e cultura.

Durante este empreendimento, a tentativa de interpretar e explicar a fé cristã acabou gerando problemas doutrinários, ideias que com o passar do tempo se provaram teologicamente insustentáveis, e por isto foram consideradas heresias, e rejeitadas.

Conforme destaca McGrath, nenhuma das heresias mencionadas “pode ser considerada racionalmente como o resultado de má intenção, egoísmo ou algum tipo de depravação teológica pessoal”.⁴⁷

E prossegue em sua avaliação, para ele, as heresias “baseiam-se em tentativas sérias de empregar importantes pontos de valor religioso e espiritual. Todos refletem motivos nobres de quem se preocupa em defender a fé cristã, cada um conforme seu entendimento”.⁴⁸

Entretanto, tais viagens de exploração teológica muitas vezes revelam problemas que se tornam verdadeiros becos sem saída, e tornam-se indefensáveis, devendo ser rejeitados, para o bem do próprio cristianismo e para a comunidade de fé.

Ideias devem ser criticadas, e se falharem, devem ser rejeitadas.

Em outro lugar, McGrath destaca que:

Como o surgimento do nazismo e stalinismo já têm tornado muitíssimo claro, tendências culturais precisam ser criticadas. Não se pode permitir que sejam normativas. E isso exige que o cristianismo baseie-se em algo que transcenda particularidades culturais.⁴⁹

Assim, defende-se que o cristianismo deve basear-se na auto-revelação de Deus, que se dá na pessoa de Jesus Cristo, conforme relatado nas Escrituras, e em sua fiel interpretação, compatível com o ensino apostólico e coerente em si mesma.

Estes limites devem ser aceitos e seguidos por todos aqueles que desejam defender uma fé consistente e, como os apóstolos e os primeiros apologistas, demonstrar, de forma convincente, a razão da sua esperança.

⁴⁷ MCGRATH, 2014, p. 212.

⁴⁸ MCGRATH, 2014, p. 212-213.

⁴⁹ MCGRATH, Alister. Paixão pela verdade: a coerência intelectual do evangelicalismo. São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p. 60.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. **A graça (I)**. São Paulo: Paulus, Coleção Patrística Vol.12, 1998.
- BECKWITH, Francis J. CRAIG, William Lane. MORELAND, J.P. (Ed.) **Ensaio apologético: um estudo para uma cosmovisão cristã**. São Paulo: Hagnos, 2006.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada com reflexões de Lutero**. Versão Almeida revista e atualizada, 2ª ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.
- FERREIRA, Franklin. **Servos de Deus: espiritualidade e teologia na história da igreja**. São José dos Campos: Editora Fiel, 2014.
- FRANGIOTTI, R. (Org.). **Padres apologistas**. São Paulo: Paulus, Coleção Patrística Vol.2, 1995.
- FRANGIOTTI, R. (Org.). **Padres apostólicos**. São Paulo: Paulus, Coleção Patrística Vol.1, 1995.
- HAYKIN, Michael. **Redescobrimos os Pais da Igreja: quem eles eram e como moldaram a Igreja**. São José dos Campos: Editora Fiel, 2012.
- LAWSON, Steven J. **Pilares da graça: 100 – 1564 d.C.** São José dos Campos: Editora Fiel, 2013.
- MCGRATH, Alister. **Apologética cristã no século XXI: ciência e arte com integridade**. São Paulo: Editora Vida, 2008.
- _____. **Heresia: uma história em defesa da verdade**. São Paulo: Hagnos, 2014.
- _____. **Paixão pela verdade: a coerência intelectual do evangelicalismo**. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.
- SHELLEY, Bruce L. **História do cristianismo ao alcance de todos: uma narrativa do desenvolvimento da Igreja Cristã através dos séculos**. São Paulo: Shedd Publicações, 2004.